CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FRANK BORZAGE – O LUGAR MAIS SAGRADO
4 e 10 Novembro de 2026

YOUNG AMERICA / 1932
(Almas da Rua)

Um filme de Frank Borzage

Realização: Frank Borzage / Argumento: William M. Conselman, baseado numa peça teatral de John Frederick Ballard / Direcção de Fotografia: George Schneiderman e James Wong Howe / Música Original: George Lipschultz / Direcção Artística: Duncan Cramer / Som: Eugene Grossman / Montagem: Margaret Clancey / Interpretação: Spencer Tracy (Jack Doray), Doris Kenyon (Edith Doray), Tom Conlon (Arthur Simpson), Ralph Bellamy (Juiz Blake), Beryl Mercer (avó Beamish), Raymond Borzage (Edward Beamish), Sarah Padden (Mrs Mary Taylor), Robert Homans (polícia), Anne Shirley (Mabel Saunders), Louise Beavers, Jane Darwell, etc.

Produção: Fox / Produtor: Frank Borzage / Cópia 35mm, preto e branco, falada em inglês com legendas eletrónicas em português / Duração: 71 minutos / Estreia em Portugal: Chiado Terrasse e Lys, a 2 de Outubro de 1933.

***

Young America foi o último filme que Borzage fez para a Fox, estúdio onde se sentia cada vez mais infeliz. Eram os últimos anos antes da fusão com a 20th Century (em 1935), e a outrora gloriosa casa fundada por William Fox vivia num regime de produção "catastroficamente repetitivo" e em "anemia artística" (para usar as expressões de Hervé Dumont no seu livro sobre Borzage). Já estava mais ou menos decidido, uma vez expirado o contracto que o ligava ao estúdio, a não se deixar voltar a prender, e a arriscar uma vida de produtor independente ou, pelo menos, "freelance" (e foi como "freelance", realizador contratado pela Paramount, que dirigiu o seu filme seguinte, **A Farewell to Arms**).

Mas ainda devia dois filmes à Fox para o contracto ficar resolvido, e é de crer que despachar o assunto tenha sido a principal motivação para aceitar o encargo de **Young America**, um filme em que aparentemente ninguém acreditava muito, e de que até John Ford (outro que estava mortinho por se ver livre dos laços com a Fox), o realizador inicialmente previsto quando o projecto foi anunciado, já tinha desistido. Assumindo **Young America**, Borzage ficava a um filme da liberdade, mas acabou por nem ter que o fazer: ainda se envolveu na preparação de **Cavalcade** que viria a ser um dos últimos sucessos da Fox, mas o estúdio acabou por preferir ter Frank Lloyd como realizador, e acordaram, serenamente, que Borzage podia ir à sua vida ficando desobrigado do tal último filme.

A outra motivação terá sido trabalhar com Spencer Tracy, que era um dos seus grandes amigos (Dumont conta que Borzage, Tracy e Will Rogers eram companheiros inseparáveis de jantaradas no restaurante/cantina da Fox) e estava a procura estabelecer-se, ainda longe de ser a vedeta de primeira grandeza que em poucos anos viria a ser.

Tracy é evidentemente um dos atributos de um filme que não tem nada de muito especial, obra de um Borzage a trabalhar com o fato-macaco de artesão de estúdio, e sem muito interesse em contrariar, ou matizar, os aspectos mais socialmente didácticos que estão na sua raiz: a chamada de atenção para a delinquência juvenil, um fenómeno que tinha expressão cada maior nas grandes cidades americanas, e depois o percurso de redenção, de reentrada no bom caminho, de um desses jovens.

Mas há outros atributos, como sejam a fotografia (aquele jogo com a penumbra em várias cenas tem todo o dedo de James Wong Howe, um dos dois operadores creditados), ou ainda no elenco a presença de Ralph Bellamy no papel do juiz, um papel seco, sóbrio, sem grandes floreados. Aliás, apesar de o essencial da intriga se passar noutros ambientes, são as cenas de tribunal que revelam, da parte de Borzage, um investimento mais singular, menos canónico. Para começar, a sequência inicial, com os jovens a serem presentes ao juiz depois de terem sido apanhados a cometer tropelias, faz lembrar, por exemplo, o início do **Rebel Without a Cause** de Nick Ray, onde as personagens eram introduzidas de maneira semelhante, numa esquadra de polícia (mas é curioso que, se a propósito de **Young America** se fala, muito naturalmente, de filmes como o **Dead End** de Wyler ou o **Angels With Dirty Faces** de Curtiz, não se faz muito a ligação com a tradição dos "rebel movies", os "filmes de rebeldes", que então ainda não existia mas que um filme como este, no seu olhar sobre os miúdos (como um conjunto, além do protagonista), prefigura. E depois as cenas de conversa entre Bellamy e o(s) garoto(s) estende-se bastante, numa sucessão de grandes planos filmados em ângulos severos (os planos de perfil de Bellamy) que parecem concentrar a urgência realista do filme (a luz branca e alta dessas cenas, som toques "artísticos" na composição da iluminação) e conferir-lhe uma aspereza que contrasta (ou contamina) a evolução mais ou menos previsível, mais ou menos adocicada, do veio central da narrativa. De resto, os planos de juiz e do miúdo, frente a frente (daí a atenção aos planos de perfil), não reproduzem nenhuma hierarquia: estão à mesma altura, é uma conversa de homem para homem, filmada com uma intensidade que lembra a dum simulacro documental. É por aí, diríamos, que passa o mais inusitado de Young America.

Luís Miguel Oliveira